

das armas contra a multidão amotinada”. O Governo era presidido pelo visconde de Ouro Preto, cuja sorte estava selada. E a historiografia oficial insiste em repetir que o povo do Rio assistiu à proclamação da República “bestificado”, como se esse povo lamentasse o fim da monarquia. . .

Koseritz, conservador, preconceituoso, viu mal a imprensa da Corte, em 1883: “No Rio não existe hoje um só jornal que possa, com fundamento, exercer influência política. Toda imprensa daqui é somente de especulação; nenhum jornal tem um programa definido, nenhum pertence a qualquer partido, nenhum representa qualquer idéia: o pessoal quer somente ganhar público e vender muitos exemplares, e como o público não pode absolutamente ser sério, mas sempre precisa estar rindo e caçoando, assim é servido. Desde o *Jornal do Comércio*, passando pelo *Corsário*, até a *Galegada* (um pasquim de última categoria), todos os esforços das folhas se orientam exclusivamente para o ganho, e uma imprensa assim constituída não está, realmente, em situação de reforçar ou apoiar as situações políticas”(153). Essa opinião aristocrática é bem característica: o povo “não pode absolutamente ser sério”, e é, afinal de contas, culpado de tudo, inclusive de recusar a proteção dos nobres, dos ricos e dos Koseritz. . . O alemão insistiria em sua análise condenatória, ao comentar o fim do *Cruzeiro*, que ocorreu justamente em 1883: “Ontem (20 de maio) morreu o *Cruzeiro*; era a única folha doutrinária da grande imprensa e foi para onde todos iremos porque o povo do Rio prefere ataques pessoais, descompostura e crônica escandalosa à melhor doutrina. O estômago estragado do *Zé Povinho* não suporta o cozido pesado da doutrina, o resumo do pensamento; gosta mais da pimenta forte do escândalo, o tempero picante da malícia, a quente *mockturtle* das descomposturas. Por isto O *Cruzeiro*, apesar do grandioso palácio próprio da rua do Ouvidor, foi-se depois de uma profunda doença, que já matou tantas pequenas folhas e que se chama — falta de papel. O *Corsário* e outros semelhantes *ejusdem furfuris* ainda de maior formato, têm sempre papel suficiente, não somente papel de imprensa, como notas de bancos. Eles conhecem, contudo, o gosto do público e temperam a sua cozinha de acordo com ele”(154).

Koseritz fixa o quadro da imprensa, entretanto, em um dos seus aspectos característicos e novos ou recentes, o dos jornaleiros. Ainda nisso é ácido: “Simplesmente insuportável é o sofrimento com os vendedores de jornal, engraxates e vendedores de bilhetes. Perambulam pelas ruas milhares e milhares de rapazinhos italianos, negros e mulatos, que nos deixam

(153) Carl von Koseritz: op. cit., pág. 55.

(154) Carl von Koseritz: op. cit., pág. 76.